

Análise estatística de imagens pornográficas

Paulo Rafael Barreto Mendes

Arquiteto graduado pela UFPE (1999) e mestrando em Comunicação pela mesma UFPE

97

Resumo:

Este artigo analisa imagens pornográficas de diversas origens, gerando gráficos que podem elucidar algumas questões sobre o imaginário sexual brasileiro.

Palavras-chave: pornografia, sexo, sexualidade

Abstract:

This paper analyzes pornographic images of several sources, generating charts that elucidates some aspects about the Brazilian sexual imaginary.

INTRODUÇÃO

Este artigo procura a partir da análise estatística de imagens pornográficas de diversas origens relacionar o imaginário sexual universal e o brasileiro, identificando uma possível pornografia morena. São apresentadas algumas hipóteses, assim como os respectivos gráficos que permeiam o desenvolvimento das mesmas. Como fonte de pesquisa foram utilizadas as imagens contidas no livro “Erotica Universalis”, de Gilles Néret, os quadrinhos de Carlos Zéfiro e as capas de filmes pornográficos brasileiros.

A IMAGEM PORNOGRÁFICA

Imagem, do latim imagine, significa representação gráfica, plástica ou fotográfica de pessoa ou de objeto, dentre muitos sentidos diversos. Para este artigo, a palavra é utilizada em sua acepção de imagem-objeto, ou seja, a imagem que foi gerada, produzida, criada pelo ser humano e concretizada em um suporte (papel, vídeo, tela, por exemplo) de modo que permita além da visualização, o seu possível manuseio.

Pornografia é, literalmente, a escrita sobre a prostituição. Em sua origem, a palavra mantinha relação com a anotação dos ganhos das prostitutas, passando depois a designar os relatos sobre suas vidas. Hoje, por extensão, o termo aplica-se a qualquer imagem, texto, frase ou ação que aborde temas relativos ao sexo. As imagens pornográficas estudadas são, portanto, representações icônicas da sexualidade e do imaginário sexual humano.

Não será considerado o termo erotismo, nem as diferenças entre erotismo e pornografia por considerar-se a distinção entre os termos de caráter unicamente subjetivo: aquilo considerado erótico por alguns pode ser considerado pornográfico por outros e vice versa. Há, inclusive, textos diversos dedicados a comparar e explicitar erotismo e pornografia. Assim, ser tratado aqui apenas uma única definição, a pornografia como necessidade humana de representar o desejo sexual. Pornografia como uma sexo-grafia ou desejo-grafia. Pornografia como desejo da imagem e imagem do desejo.

CARACTERÍSTICAS DA PORNOGRAFIA

Observando diretamente imagens pornográficas, sejam estáticas ou dotadas de movimento, podemos estabelecer algumas características do imaginário pornográfico:

A pornografia é misógina

A mulher é tratada como objeto. Não tem direitos. Seu único desejo é servir e adorar ao falo. Não há o gozo feminino na pornografia, pois o objeto-mulher deve apenas ceder seu corpo ao gozo masculino. Todas as formas possíveis de subjugação, sofrimento e humilhação da mulher encontram-se

facilmente nas imagens pornográficas.

A pornografia é predominantemente masculina

O público consumidor de pornografia é masculino, em sua maioria. Entre os geradores, produtores e criadores de pornografia raramente se encontrará alguma mulher. Para exemplificar os casos raros, podemos afirmar que há uma diretora brasileira de filmes pornográficos (ela era atriz, dirigida pelo marido e hoje é diretora) e temos também uma artista plástica contemporânea brasileira, cuja obra se caracteriza pela temática sexual. Entretanto, ao longo dos séculos, a tradição pornográfica é um domínio do macho.

A pornografia é falocêntrica

O falo ereto e ativo é o tema preferido do iconismo pornográfico; a mera ereção é representada incontáveis vezes ao longo da história. Devemos buscar em Freud e em uma série de conceitos psicológicos – medo da castração, medo da impotência – a explicação para essa preferência?

A pornografia é fonte de homoerotismo masculino

As imagens pornográficas – com ênfase na demonstração e atuação do falo – permitem conseqüentemente o voyeurismo homoerótico do público consumidor masculino.

A pornografia é narrativa

Não existe imagem pornográfica abstrata. A pornografia é naturalmente figurativa. Cada imagem pornográfica é histórica, remete a um antes e um depois do momento fixado. Há uma tendência para a seqüência nas imagens pornográficas, para o ato de contar uma história.

A pornografia é estetizante

Poderia usar também a palavra “teatral”. A imagem pornográfica busca uma estética (não no sentido do belo clássico) voltada para o olhar terceiro, para o voyeurismo do consumidor. Não importa a penetração, mas que se veja a penetração. Não importa o gozo, mas que se veja o gozo (na pornografia, em geral, não se goza no interior do outro, mas fora, para que se possa mostrar a verdade do gozo). O sexo pornográfico é feito por acrobatas. O sexo pornográfico é fácil e fluido, não há dificuldades de penetração, não há suor, nem cheiros. A pornografia é abrir a porta da intimidade sexual imaginária, deixar ver, teatralizar para o observador.

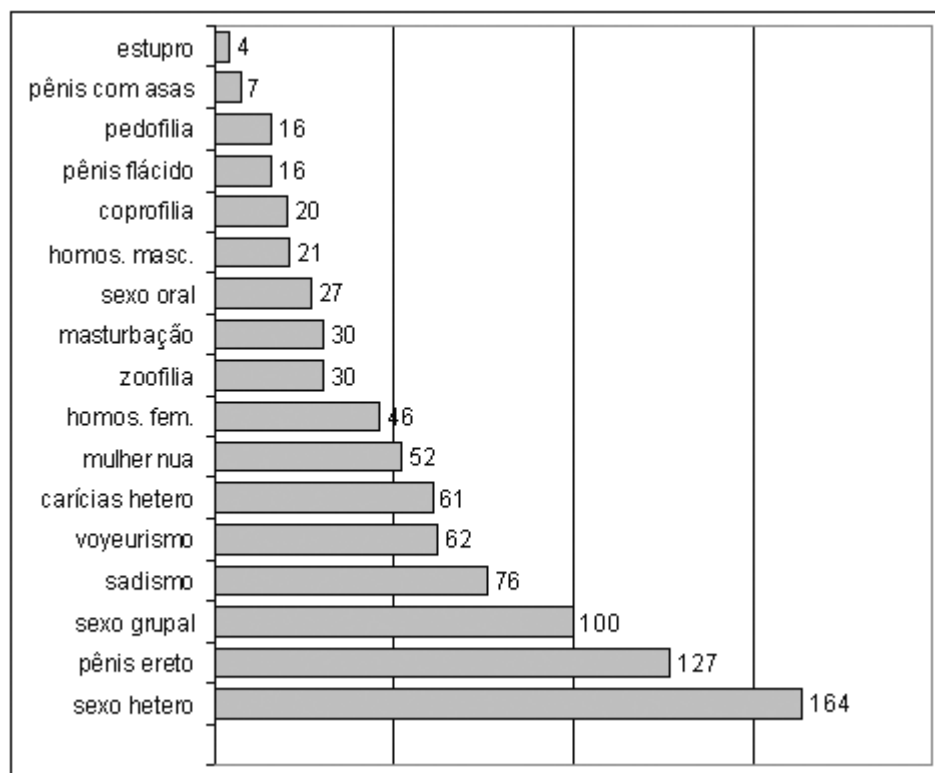
IMAGENS PORNOGRÁFICAS ATRAVÉS DO TEMPO

O livro “Erotica Universalis”, de Gilles Néret, apresenta cerca de 740 ilustrações de cenas pornográficas criadas pela mão humana – desenhos, gravuras, mas não fotografias – desde cinco mil anos antes de Cristo até o século

XX. Produzir e consumir imagens pornográficas é inerente ao ser humano. Sendo assim, em todos os campos da produção de imagens, encontra-se, também, a produção de imagens pornográficas; nas inscrições rupestres, na arte da Antiguidade ocidental (Egito, Grécia e Roma) e oriental (China, Índia, Japão) chegando aos dias atuais; dos mestres, como Rembrandt, aos anônimos, e em todas as técnicas, como desenho, quadrinhos, gravuras e pinturas. Toda a nossa produção de imagens é pontuada pela representação sexual. Olhando para essa coleção de imagens geradas através do tempo, verifico que estamos fazendo um longo discurso de repetição, em busca de algo, ou procurando esclarecer algo que não tem resposta, levando novamente à repetição do discurso. Ou seja, não há nenhuma prática sexual nova, nada que não seja praticado há milhares de anos, desde sexo com animais (zoofilia) e com objetos, a sexo com crianças (pedofilia), passando, inclusive, por sadismo e masoquismo avant la lettre.

Observando as imagens do livro de Néret, classifiquei-as de acordo com as práticas e os temas sexuais nelas representados. É importante observar que os autores identificados das imagens reproduzidas no livro são todos do sexo masculino. Há que se levar em consideração também que podem haver distorções nessa amostragem, pois as imagens são o produto de uma seleção realizada pelo autor do livro, obedecendo, talvez, às idiossincrasias dele. No gráfico abaixo, podemos observar que há mais que 740 ocorrências, pois muitas imagens mostram mais de uma dada prática. Os dados estão mostrados em ordem crescente de incidência.

100



Observação 1:

Inicialmente, pensava em verificar os itens “sexo anal” e “sexo vaginal”, porém como muitos desenhos não deixavam claro o tipo de penetração – visto que apenas o fato de o homem estar por trás da mulher não implica necessariamente em sexo anal – estas práticas foram agrupadas no item “sexo hetero”, significando relação sexual com penetração entre homem e mulher.

Observação 2:

O item “carícias hetero” é usado para indicar cenas onde ocorrem manipulações, beijos, carícias sexuais entre homem e mulher, inclusive a masturbação recíproca; o item “masturbação” refere-se apenas a prática solitária do sexo, seja masculina ou feminina – com as mãos ou com objetos.

Observação 3:

O item “coprofilia” (coprofilia = atração patológica por sujeira, especialmente por fezes e pelo ato de defecação) foi usado para agrupar as cenas que mostram pessoas urinando ou defecando, embora não tenham sido encontradas cenas de uso de fezes e urina no ato sexual, como acontecem em alguns vídeos pornô.

Observação 4:

O item “sadismo” provavelmente agrupa também as representações de masoquismo, visto que não há indicações precisas sobre a preferência dos participantes em qualquer dada cena de sadismo, nas imagens estudadas.

Observação 5:

Os itens “homossexualismo feminino” e “homossexualismo masculino” são caracterizados fundamentalmente por práticas sexuais de qualquer tipo (anal, oral, carícias) entre pessoas do mesmo sexo; portanto o item “sexo oral” refere-se apenas ao praticado entre sexos diferentes.

Observação 6:

No sexo grupal, ocorrem diversas práticas - sexo oral, anal, homossexualismo - não sendo contabilizadas essas ocorrências em particular, a não ser em casos excepcionais como, por exemplo, o envolvimento de animais (zoofilia) e crianças (pedofilia).

Observação 7:

A partir dos números obtidos, podemos ver que as representações de práticas sexuais entre homem e mulher são predominantes (sexo hetero + carícias hetero + sexo oral formam 29% das cenas representadas). Outros números também se destacam. As representações do pênis ereto impressionam pelo volume; são 127 imagens (15%) de ereção, independentes do ato sexual ou da

masturbação, contra 164 imagens (19%) de sexo hetero, comparativamente. As representações do pênis (ereto, flácido ou com asas) somam 150 imagens, ou 18%; isto é, praticamente a mesma quantidade de imagens do sexo hetero – que naturalmente já contém em si o pênis ereto, em geral. Vemos aqui a importância simbólica do falo e da ereção para o macho humano, considerando – como já dissemos – que a pornografia é produzida pelo macho e para o macho.

Observação 8:

Ver dá prazer, querer ver cenas de sexo é uma característica humana. Além disto, a pornografia, desejo de ver o desejo, representa a si mesma, no papel do voyeur; ora, desenhar ou fotografar cenas de sexo já denota um certo voyeurismo. Daí a grande frequência de cenas onde o voyeur aparece (62 imagens ou 7% do total). Nas imagens observadas, a figura do voyeur (no canto, em alguma janela, atrás da porta) aparece olhando as diversas práticas sexuais, sem distinção. O voyeur é a própria pornografia personalizada, auto-representada.

Observação 9:

As representações de mulheres nuas (52 imagens) e de homossexualismo feminino (46 imagens) aparecem em grande quantidade como figuras queridas do imaginário sexual masculino. Como pode ser visto no gráfico, as práticas mais extremas como estupro (4 imagens) e pedofilia (16 imagens) aparecem com menor frequência; entretanto, é interessante constatar que a zoofilia e a masturbação tenham o mesmo número de ocorrências (30 imagens). Haja vista que a zoofilia é uma prática relativamente rara e a masturbação uma prática bastante comum e derivada naturalmente da contemplação das imagens pornográficas. Talvez, isto indique que existe mais prazer em ver cenas de sexo do que na masturbação.

SEXO CONTABILIZADO EM CARLOS ZÉFIRO

A obra de Carlos Zéfiro já foi estudada e há livros publicados sobre ela. Zéfiro era o pseudônimo de um funcionário público, Alcides Caminha, que desenhava histórias em quadrinhos pornográficas, nas décadas de 50 e 60. Suas revistas tinham formato de bolso, de forma a serem melhor escondidas e compradas sub-repticiamente. Eram chamadas de catecismos e em cada página havia, em geral, apenas um quadrinho, uma imagem completa por página.

Os catecismos formam um conjunto bastante representativo do imaginário sexual brasileiro e apresentam as seguintes características:

a ingenuidade do desenho:

Zéfiro era um desenhista entre o amador interessado e o profissional;

a necessidade da narrativa:

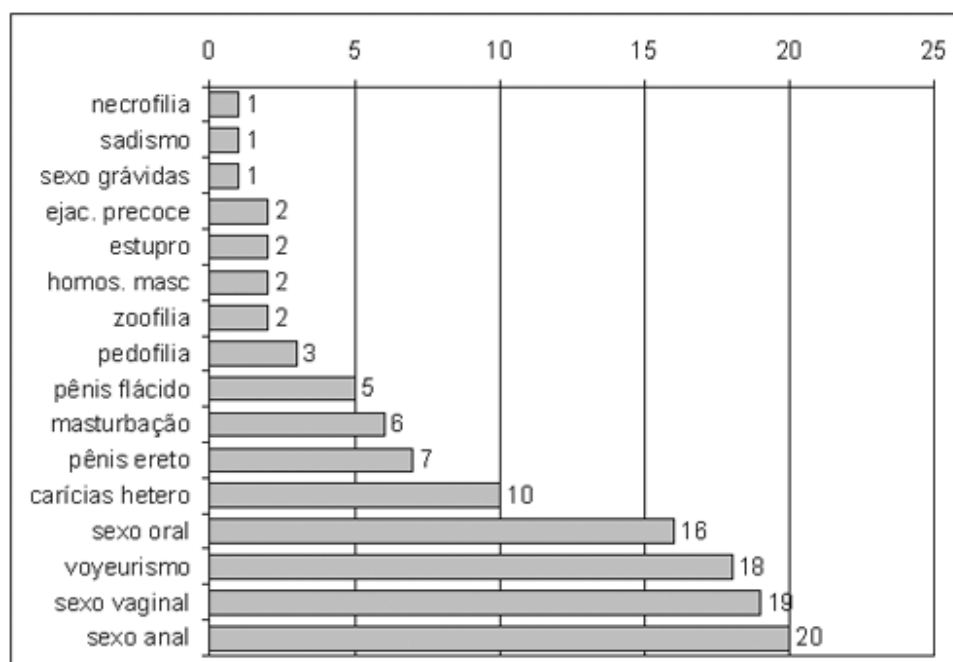
Os catecismos sempre apresentam uma história completa, o sexo não é gratuito e sim, elaborado durante a narrativa; raramente as histórias começam com cenas de sexo e, quando isto acontece, será narrado em flash-back como se chegou até ali.

a linguagem elaborada:

Percebe-se a clara intenção do autor em usar uma forma de expressão superior, misturada com as palavras comuns da pornografia; tem-se a impressão, freqüentemente, de que Zéfiro usa uma linguagem que não é a sua, repleta de ênclises.

Analisando vinte e um catecismos de Zéfiro, anotei as práticas e temas sexuais abordados por ele. É necessário observar que Carlos Zéfiro foi muito prolífico; alguns falam que ele produziu cerca de 800 catecismos, outros citam 600 ou 500; alguns colecionadores já reuniram cerca de 150 catecismos; portanto, esta é uma pequena amostragem de seu trabalho. O gráfico abaixo mostra os resultados obtidos, seguidos de algumas observações.

103



Observação 1:

Na análise das imagens de Carlos Zéfiro, pudemos separar o sexo vaginal do sexo anal, pois tanto o texto como as imagens explicitavam qual prática estava sendo representada. A partir disto, podemos ver que o sexo anal e o sexo vaginal ocorrem com a mesma freqüência nas histórias de Zéfiro – na verdade, é um padrão de suas histórias a seqüência de sexo oral, vaginal e anal. Em Zéfiro, temos o sexo oral com maior destaque que na amostragem anterior (pode ter havido um desvio na seleção das imagens pelo autor, Gilles Néret)

Observação 2:

Assim como no gráfico anterior, percebemos que o voyeurismo aparece novamente em destaque, refletindo a importância do ato de ver para a sexualidade. As representações de pênis ereto e pênis flácido juntas (12 imagens) revelam também a conhecida importância do falo para o sexo masculino. Por fim, novamente, as práticas mais extremas têm menor representatividade, embora devamos destacar que Carlos Zéfiro ousava bastante nas suas histórias, considerando o público comprador dos catecismos e a própria origem do autor, abordando temas incomuns na pornografia mediana (principalmente para a época) como a necrofilia, o sexo com grávidas, a zoofilia e a pedofilia.

Observação 3:

As representações de homossexualismo masculino são poucas, provavelmente refletindo as preferências do autor heterossexual.

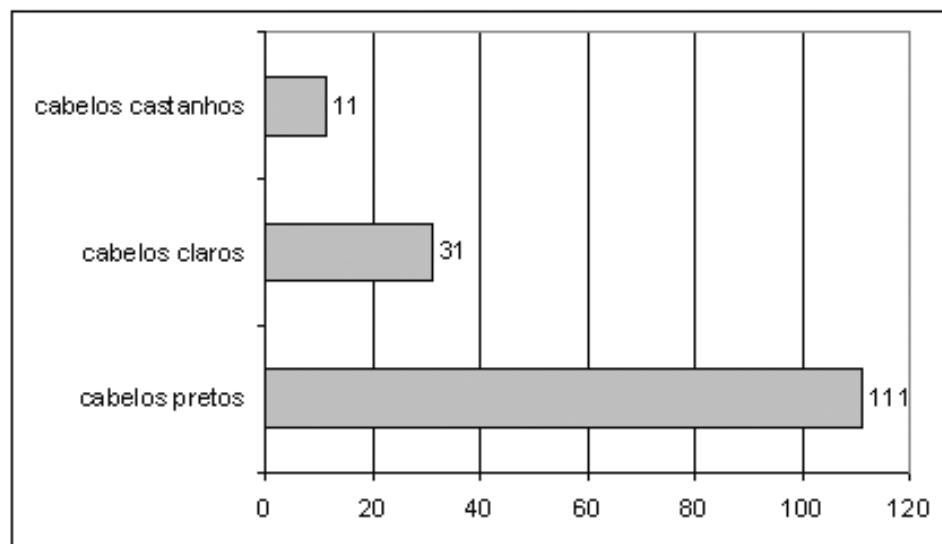
CABELOS E PELES DO FILME PORNOGRÁFICO BRASILEIRO

Não há distinção entre os termos filme e vídeo, pois o que interessa é a imagem em movimento, seja qual for o seu suporte, película ou fita magnética.

O filme pornográfico brasileiro é visualmente diferente do filme pornô estrangeiro. O pornô estrangeiro é hiper-real, na definição de Jean Baudrillard, pois acrescenta uma dimensão ao sexo real, a dimensão idealizada da perfeição. Os corpos são perfeitos, as mulheres – loiras de olhos claros – com pernas e braços e barrigas trabalhados em academias, os homens musculosos e de pênis com comprimento acima da média. No filme pornô brasileiro não há o hiper-real. Há, certamente, o teatro, a estilização, a estetização do sexo, mas tudo isto de modo canhestro. Os corpos são de pessoas normais (se é que podemos nos referir a uma normalidade corporal brasileira). As mulheres são morenas, mulatas, negras, brancas de cabelos pretos, loiras moreno-tingidas, raras loiras naturais; seus corpos são exatamente o que se pode encontrar nas ruas brasileiras. Há defeitos, há barrigas fora de forma, há celulites. Os homens apresentam altura mediana e pênis idem. Não são frequentadores de academias, aparentemente. São morenos, mulatos, negros, brancos de cabelo preto, e alguns raros loiros. Tudo isto, o teatro canhestro e a normalidade dos atores, torna extremamente interessante pornografia filmada brasileira.

Em busca de quantificar uma parte dessa alegada normalidade corporal, foi realizado um pequeno levantamento sobre a cor dos cabelos e a cor da pele dos atores e atrizes de vídeos pornô nacionais. Neste levantamento, observei cerca de 100 capas de vídeos pornô. O objetivo era levantar algumas características do tipo físico das pessoas que fazem o pornô filmado, a análise foi feita das características da capa, pois é ela o primeiro contato do consumidor com o produto, que vende – de certo modo – o produto. Não foi analisada a

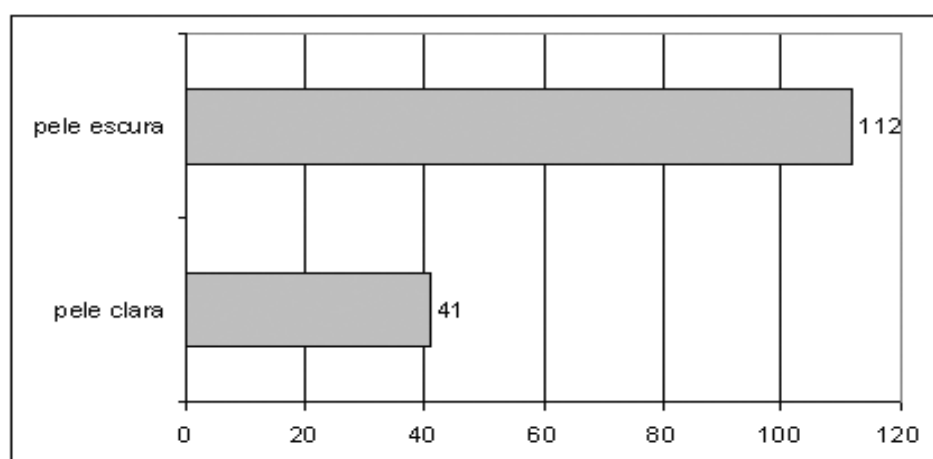
contracapa, salvo poucas exceções, por esta ser muito confusa graficamente, com excesso de pequenas fotos e muitos closes de órgãos sexuais, dificultando a observação das características procuradas. Foram anotados dados sobre 153 atores e atrizes, pois há capas com duas ou três pessoas, embora, em geral, haja apenas uma pessoa. Eis os resultados:



105

Observação 1 :

Foi feita uma análise exclusiva para cor de cabelos por considerar que, atualmente, não há uma relação direta entre tom dos cabelos e tom da pele uma vez que é possível adequar sua cor a uma opção estética. Assim, por exemplo, poderíamos identificar uma enxurrada de cabelos claros, se tal fosse o costume do mercado e o gosto do público consumidor. Entretanto, o resultado do levantamento mostra que predominam os cabelos pretos entre atores e atrizes do pornô nacional (111 ocorrências, 73% do total). Sobre o item “cabelos claros”, é conveniente destacar que não foi utilizado o termo “cabelos loiros”, por ter sido detectada uma gama muito grande de matizes claras, do amarelo ao branco passando pelo dourado. É importante ressaltar também que, aparentemente, os cabelos claros naturais estavam presentes em menor número, embora essa afirmação seja por demais subjetiva.



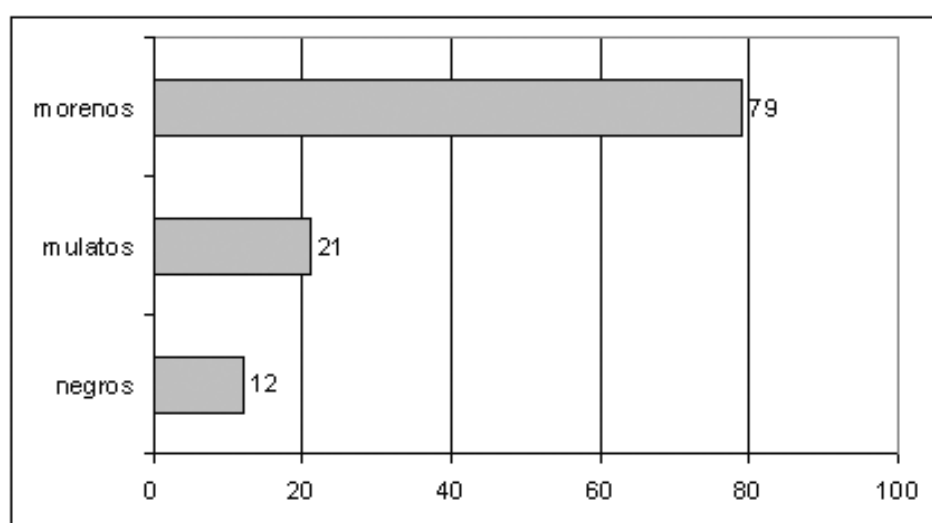
Observação 2:

A separação por cor da pele foi feita baseada em parâmetros subjetivos, estando passíveis portanto de sofrer eventuais desvios. Numa tentativa de padronização foi estabelecido que “pele clara” seria a pele mais próxima da cor branca e com mais sensibilidade ao sol (aquela que, exposta ao sol, tende para o vermelho). Estabeleci que “pele escura” seria a pele com tonalidade mais próxima do marrom e do preto e menor sensibilidade ao sol (aquela que, exposta ao sol, tende a ficar acobreada ou bronzeada). Podemos ver acima que a maior parte dos atores e atrizes do pornô tem a pele escura (112 ocorrências, 73% do total). Nessa classificação de pele escura entram as pessoas que chamamos de morenas, mulatas e negras.

Observação 3:

A respeito das denominações de cor da pele, ressalto que moreno vem de mouro e significa aquele que tem cor trigueira, a cor do trigo maduro, queimado de sol, adusto; mulato vem de mula (por ser o mulato um mestiço também, ou por trabalhar como uma mula), e significa o mestiço de branco e negro e por extensão aquele que tem a cor trigueira (novamente), cor escura ou de cobre. A esse respeito, é conveniente verificar que cafuzo significa o mestiço de negro e índio e ainda o mestiço de cor preta ou quase preta e cabelo escorrido e grosso, e que caboclo ou mameluco é o mestiço de branco e índio, de cor acobreada e cabelos lisos. Todo este arrazoado é apenas para dizer que somos uma nação de morenos ou uma nação de pele escura, acobreada, em sua maior parte. Enfim, todas as definições acima e suas sutilezas não funcionam para esta nação de mestiçagem geral e abundante. Somos um povo moreno.

Para estabelecer melhor a questão da cor da pele, foi classificado (visualmente) os atores em morenos, mulatos e negros e obtendo o gráfico a seguir.



Observação 4:

Vemos que, na amostragem pesquisada, 70% dos atores de pele escura podem ser classificados como morenos e 30% podem ser classificados como negros ou mulatos.

Enfim, a partir desse breve levantamento, vimos que a maior parte dos atores e atrizes do pornô nacional tem cabelos pretos e pele escura. Pressupõe-se que o mercado consumidor tem essa preferência, pois há profissionais de cabelos claros e pele clara que poderiam figurar nas capas dos vídeos (mesmo fazendo uma pequena participação no conteúdo); como os produtores não se utilizam de tais artifícios e as capas são preenchidas com o povo moreno (que somos), penso que o consumidor brasileiro de pornografia quer ver a sua imagem no espelho pornô, seu próprio povo moreno no exercício dessa mesma pornografia.

CONCLUSÃO

Dois aspectos principais podem ser destacados, a partir da observação dos gráficos obtidos.

1 – Comparando a amostragem da pornografia universal com a amostragem dos quadrinhos de Carlos Zéfiro, percebemos uma predominância da representação icônica das práticas heterossexuais e das imagens que tem o pênis (o deus Príapo) como tema. Como sabemos que, em sua maior parte, o produtor de pornografia é o macho, as temáticas refletem o interesse desse mesmo macho e sua excessiva (?) preocupação com a ereção e o poder do falo.

2 – Nos quadrinhos de Zéfiro, já percebemos a presença de um universo pornográfico brasileiro – no imaginário e no iconismo. Com os dados da amostragem de cabelos e peles do vídeo pornô, confirmamos a existência de uma estética pornográfica nacional concretizada através do povo moreno de cabelos pretos, uma pornografia morena, na verdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUMONT, Jacques. A imagem. Campinas: Papirus, 1993
- BARTHES, Roland. A câmara clara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984
- BAUDRILLARD, Jean. Da sedução. Campinas: Papirus, 2000
- CASTELLO BRANCO, Lúcia. O que é erotismo. São Paulo: Brasiliense, 1990
- CIRNE, Moacy. Quadrinhos, sedução e paixão. Petrópolis: Vozes, 2000
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986
- MORAES, Eliane Robert. O que é pornografia. São Paulo: Brasiliense, 1990
- NÉRET, Gilles. Erotica universalis. Colônia: Benedikt Taschen, 2000
- RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia da Letras, 1995
- ZIMMER, Jacques (org.). Le cinéma X. Paris: La Musardine, 2002